

SESSÃO DE LINGUÍSTICA 2
18 de novembro de 2014 – 13h às 17h – Comunicações orais
Coordenadora: Nara Hiroko TAKAKI (UFMS/CPAQ)

**O LETRAMENTO E A ALFABETIZAÇÃO INICIAL: como tais conceitos estão
postos para os professores do ensino fundamental I¹**

Deise Rodrigues de OLIVEIRA²

Onilda Sanches NINCAO³

RESUMO

O presente artigo apresenta o propósito de refletir como a concepção de letramento e alfabetização está sendo assimilada pelos professores alfabetizadores do ensino fundamental I. Este trabalho é um recorte do projeto de pesquisa em desenvolvimento no PROFLETRAS/CPTL/UFMS, com o título “A perda da especificidade do ato de alfabetizar”. Com a maciça divulgação dos postulados dos estudos sobre o letramento, os aspectos linguísticos inerentes ao processo de alfabetização inicial foram, de certa forma, relegados a um segundo plano nesta etapa do ensino. Morais (2006, 2012) chama a atenção para um fenômeno que vem ocorrendo, nomeado “ditadura do texto”. Soares (2003, 2004) também aponta a perda da especificidade da alfabetização como um dos possíveis fatores de uma atual “modalidade” do fracasso escolar. Seguindo os pressupostos da etnografia colaborativa crítica (MAGALHÃES, 1994; BORTONIRICARDO, 2006), foram aplicados questionários com o objetivo de coletar dados iniciais de como tais conceitos estão sendo aplicados e compreendidos por esses profissionais responsáveis pela inserção dos indivíduos no mundo formal da escrita. As reflexões demonstram que esses professores alfabetizadores já concebem a distinção entre os conceitos de alfabetizar e letrar. Portanto, a distinção entre o letramento e a alfabetização já não são conceitos desconhecidos no dia-a-dia pedagógico, mas o desequilíbrio provocado pela preocupação excessiva com o uso social do texto tem influenciado em relação à perda sistemática sobre a reflexão da língua no processo de alfabetização inicial.

Palavras-chave: Letramento. Alfabetização. Ensino Fundamental.

1 INTRODUÇÃO

O termo letramento é atualmente presente em todos os níveis escolares e, no

¹ Artigo oriundo do projeto de pesquisa intitulado **A perda da especificidade do ato de alfabetizar**, 2014.

² Graduada em Letras (UNESP) e Pedagogia (UNESP) e Mestranda do PROFLETRAS/CPTL/UFMS. E-mail: deise.rodrigues.oliveira@hotmail.com.br

³ Doutora em Linguística (UNICAMP) e Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, e do PROFLETRAS/CPTL/UFMS. E-mail: onildasanches@gmail.com



nível da alfabetização inicial, ele modificou sobremaneira as formas de se conceber esse processo do alfabetizar. Com a maciça divulgação dos postulados dos estudos sobre o letramento, os aspectos linguísticos inerentes ao processo de alfabetização inicial foram, de certa forma, relegados a um segundo plano nesta etapa de ensino.

Desta maneira, para ser considerado alfabetizado ou letrado o indivíduo, além de saber ler e escrever, necessita dominar a leitura e escrita em seu cotidiano de forma competente e de acordo com as exigências dos mais variados usos sociais. Contudo, o processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica foi de certa forma obscurecida pelo letramento, pois na ânsia de atender essas novas preocupações da importância e reconhecimento da circulação do texto na sociedade, houve a prevalência do letramento em detrimento da alfabetização.

Soares (2004) afirma que há uma “perda da especificidade da alfabetização” a qual questões didáticas são subestimadas, o sistema alfabético e suas relações fonemas/grafemas são renegados frente a uma postura de contestação ao modelo tradicional de ensino. O ensino das características linguísticas como sílabas, relações grafema-fonema e consciência fonológica passou a ser considerado superficial, errôneo e traumático, principalmente dentro do ensino público e tal fato tem provocado dificuldades dentro do período destinado ao desenvolvimento destas habilidades, pois muitas crianças egressam desta etapa do ensino sem dominar a escrita alfabética.

A compreensão das propriedades da escrita alfabética requer o desenvolvimento de habilidades fonológicas que a escola deve promover em lugar de esperar que os alunos, sozinhos, as descubram. A promoção da consciência fonológica (e não só fonêmica) pode ser realizada num marco mais amplo de reflexão sobre as propriedades do sistema alfabético, sem assumir o formato de “treino” e deve beneficiar-se, obviamente, da “materialização” que a escrita das palavras (sobre as quais reflete) propicia ao aprendiz. (MORAIS, 2006, p. 12).

Poderia facilmente ser elencado que não há o domínio das teorias que embasam o letramento e a alfabetização por parte dos educadores. Sem entrarmos na questão da formação inicial e a péssima qualidade de ensino de algumas graduações, neste reduzido espaço, veremos que os princípios norteadores de cada um, alfabetização e letramento, faz parte da prática e de domínio teórico destes profissionais.

Uma hipótese que pode ser levantada é a de que a influência da interpretação apressada e superficial, para o que o ensino se tornasse acessível e democrático a todos, desencadeou uma prática de se aceitar como natural que alunos egresses do ensino



fundamental do ciclo I sem dominar o sistema alfabético, por serem considerados letrados, pois conhecem e reconhecem gêneros textuais.

2 OS CAMINHOS DO LETRAMENTO E DA ALFABETIZAÇÃO

O que a alfabetização vivenciava até as décadas de 1980 e 1990 eram métodos condensados e praticamente imutáveis em suas sequências e metodologias. Em meados da década de 1990, estudos sobre o construtivismo ganharam ampla divulgação e notoriedade no Brasil. Com isso, sistemas tradicionais de ensino, principalmente na educação pública passaram a ser questionados em sua eficácia do processo de ensino-aprendizagem.

Posteriormente, na década dos anos 2000, novos estudos passam a ser divulgados e executados no país, trazendo-nos a contribuição das análises sobre o letramento. A preocupação de que a alfabetização seja contextualizada em seus aspectos textuais, delineia novas concepções de como deva ocorrer esse processo e que acabou por provocar também uma hegemonia do letramento, ocorrendo, dessa forma, uma descaracterização do ato de alfabetizar, como bem aponta Moraes (2012),

[...] entendemos que uma má interpretação da teoria da psicogênese da escrita e uma hegemonia do discurso do letramento teriam levado à conclusão de que não era preciso ensinar, de modo sistemático e planejado, a escrita alfabética, porque os alunos espontaneamente a aprenderiam participando de práticas diárias de leitura e produção de textos. (MORAIS, 2012, p. 25).

Aos poucos, números apontam que essa perda do espaço da especificidade do ato de alfabetizar para o letramento contribuiu para o aumento dos números de crianças letradas, porém não alfabetizadas, ingressando no ciclo II do Ensino Fundamental. Soares (2003) aponta para a perda da especificidade da alfabetização como um dos possíveis fatores de uma atual “modalidade” do fracasso escolar e que a “alfabetização é algo que deveria ser ensinado de forma sistemática, ela não deve ficar diluída no processo de letramento.” (SOARES, 2003, p. 16).

Moraes (2012) chama a atenção para um fenômeno que vem ocorrendo, a qual nomeia “ditadura do texto” e que

[...] “desinventamos” o ensino da escrita alfabética, criamos certa ditadura do texto (segundo a qual seria proibido trabalhar com unidades menores, como



palavras ou sílabas), como se fosse verdade que a maioria das crianças “descobre”, por conta própria e sem instrução sistemática, como a escrita alfabética funciona e quais são as suas convenções. (MORAIS, 2012, p. 25).

O que nos chamou a atenção foi o fato de que, em contatos informais com as professoras alfabetizadoras da rede municipal de Araçatuba/SP, elas conheciam a teoria de ambas conceitualizações e tais controvérsias de se adotar ou não um método para alfabetizar. Soares (2003) pondera exatamente essa situação da qual nos deparamos, pois “havia um método, mas não uma teoria. Hoje acontece o contrário: todos têm uma bela teoria construtivista da alfabetização, mas não têm método.” (SOARES, 2003, p. 17).

3 COM A PALAVRA, AS PROFESSORAS

As perguntas elaboradas tiveram como intuito realizar uma espécie de sondagem de como o conceito de letramento e alfabetização é concebido e compreendido por partes destes profissionais.

Foram elaboradas nove questões sobre o tema que envolvessem a concepção de letramento e alfabetização entre os professores alfabetizadores de duas escolas da rede municipal de Araçatuba/SP, EMEB Prof^a Leda Aparecida Lima Martins e EMEB Selma Maria Trevelim de Jesus. E desse repertório de nove questões, recortamos três delas por questão de delimitação do trabalho.

As três perguntas, feitas por meio de questionário escrito foram as seguintes: Para você é possível alfabetizar somente através da apresentação de textos (quadrinhas, listas, bilhetes etc.)? Ele (letramento) ajudou ou atrapalhou na sua prática pedagógica em termos de alfabetização? Baseado em suas compreensões, conhecimentos e dia-a-dia da sala de aula, como é possível alfabetizar letrando?

Vejamos agora as transcrições das respostas escritas pelas professoras:

1) Para você é possível alfabetizar somente através da apresentação de textos (quadrinhas, listas, bilhetes etc.)?

“Eu sou a favor de mesclar alfabetização e letramento, pois o indivíduo (aluno) está inserido no meio em que vive, e a leitura de mundo, consequentemente vai refletir dentro da sala de aula.” (Regiane)

“Somente através da apresentação não, pois, acredito que o aluno reconhecerá os ‘diferentes gêneros’, mas, não necessariamente estará alfabetizado.” (Adriana)



“Depende da clientela, mas acho que é possível desde que o aluno já tenha uma base alfabética estabelecida, adquirida, ou seja, já conheça as letras e seus sons (consciência fonológica). Caso isso não seja possível, julgo necessário apresentar textos concomitantemente com o ensino da base alfabética (letras e sílabas).” (Alexandra)

“Não, acho que precisamos sistematizar, analisar a escrita e possibilitar a consciência fonológica. Os textos devem ser utilizados para entusiasmar e interessar as crianças, entre outras coisas.” (Layla)

“Sim. Porque partimos do todo para as partes primeiro. Trabalho o texto e, dentro do próprio texto, trabalho letras, sílabas, palavras, etc.” (Sirlaine)

“Cada ser é único e cada um aprende através de uma maneira. Reconheço a importância das quadrinhas, listas e bilhetes, mas não acredito que a alfabetização ocorrerá ‘somente’ por estes meios, pois em muitos momentos o uso das famílias silábicas se faz necessário, dentro de um contexto.” (Zilda)
Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Em todas as respostas, considerando apenas a questão de se alfabetizar somente com o texto, sem uma sistematização propriamente dita, algumas professoras demonstraram o conhecimento de que sem uma metodologia de alfabetização não se torna inviável. Reconhecem o trabalho com textos e não os menosprezam mas preocupam-se com a base alfabética (Alexandra), consciência fonológica (Alexandra e Layla), assim como a preocupação do reconhecimento do gênero apenas, uma condição em que a criança possa acumular as condições ser letrada e não-alfabetizada (Adriana).

A posição teórica das professoras assemelha-se a que Soares afirma (2003):

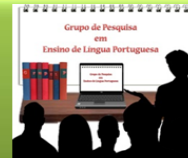
Ninguém aprende a ler e a escrever se não aprender relações entre fonemas e grafemas – para codificar e para decodificar. Isso é uma parte específica do processo de aprender a ler e a escrever. Linguisticamente, ler e escrever é aprender a codificar e a decodificar. (SOARES, 2003, p. 17).

Pois estas não negam ou abdicam a presença do texto, ressaltam a importância do mesmo neste período de contato sistematizado inicial com a escrita, porém ressaltam a importância do ensino do domínio da tecnologia que é o alfabetizar.

2) Ele (letramento) ajudou ou atrapalhou na sua prática pedagógica em termos de alfabetização?

“Na verdade, foi um complemento para a minha prática pedagógica, pois a junção de alfabetizar e letrar nos oferece subsídios significativos para que se possa alfabetizar as crianças.” (Regiane)

“Até hoje atrapalha, no sentido de que é imposto. Letramento não é um método e não podemos deixar de alfabetizar. ‘Às vezes’, nossos orientadores fazem ‘confusão’ com os termos e significados, ou, acham que para ‘letrar’



não precisa ‘alfabetizar’. Acredito que nos dias atuais, o discurso está mudando e estão percebendo que apesar de diferentes (alfabetização e letramento) devem caminhar juntos.” (Adriana)

“Ajudou no sentido de que leva a criança a vivenciar práticas de leitura e escrita como práticas sociais importantes, pois estão contextualizadas em situações reais de uso (função social).” (Alexandra)

“O letramento não atrapalhou na minha prática pedagógica porque a alfabetização e letramento alguns autores consideram como dois processos distintos, a alfabetização como um processo individual de aquisição da leitura e da escrita, enquanto que o letramento é um processo mais amplo, relacionado aos usos da leitura e da escrita por um indivíduo ou um grupo de indivíduos.” (Sirlaine)

“Contribui muito na minha prática através dele levamos nossos alunos a compreender e utilizar adequadamente a leitura e a escrita para exercer seu papel de cidadão.” (Layla)

“O letramento ajuda na minha prática, pois faço uso dele mesmo com crianças maiores, principalmente com aquelas que chegam em um estágio (hipótese) diferente da série em que se encontra (não alfabetizado).” (Zilda)

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Retornando Soares (2004) é bom lembrar que:

Assim, por um lado, é necessário reconhecer que alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional da escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos. (SOARES, 2004, p. 97).

Nesta questão, fica ainda mais evidente que as professoras fazem a distinção clara entre as duas teorias, afirmam seguramente o uso e seus benefícios no dia a dia pedagógico. A significação do que se aprende é proporcionada através do conceito de letramento (Regiane). A professora Adriana faz uma ressalva importante da confusão entre linha teórica e método e vai mais além, que esse desentendimento teórico venha por influências exteriores à sala de aula “imposta”. A professora Zilda ressalta que o trabalho na perspectiva do letramento é produtor inclusive em casos de alunos que ainda não se alfabetizaram, porém se encontram em séries/anos mais avançados. O uso social do texto é citado, de uma forma ou outra, por todas as professoras e também o reconhecimento que uma não exclui a outra e assim como reconhecem as contribuições do letramento para a alfabetização.

3) Quando se pode dizer que uma criança está alfabetizada? Quando se



pode dizer que está letrada? Quais os limites de cada um?

“O aluno (criança) está letrado quando reconhece o uso e função dos diferentes tipos e gêneros textuais que circulam na sociedade, mas não lê e não escreve. A criança alfabetizada lê e escreve, mas, pode não saber a função dos diferentes gêneros e suportes textuais. Não acredito que exista um limite, pois, alfabetização e letramento podem andar lado a lado.” (Adriana)
“Alfabetizada quando ela sabe ler e escrever. Letrada quando a criança sabe ler e escrever e também cultiva práticas sociais que usam a escrita.” (Regiane)

“Penso que está alfabetizada quando se apropriou do Sistema de Escrita Alfabética. Nosso sistema de escrita é alfabético, portanto a criança tem que desenvolver a consciência fonológica. Penso que está letrada quando além de dominar o sistema de escrita, a criança saiba usá-la em práticas sociais.” (Alexandra)

“Criança alfabetizada considero aquela que domina a leitura e a escrita letrada quando faz o uso dessa leitura e da escrita como um fator necessário para a formação de sujeitos letrados. Para algumas pesquisadoras, nem sempre a pessoa alfabetizada pode ser considerada letrada.” (Sirlaine)

“Alfabetizada quando conhece os códigos linguísticos. Letrada quando utiliza os códigos linguísticos para atender suas necessidades sociais, ou seja, compreender, interpretar, discutir, buscar soluções etc. A alfabetização se limita ao código, ortografia, gramática e linguística. O letramento não se limita, estamos sempre sendo letrados.” (Layla)

“Uma criança está alfabetizada quando usa as letras do alfabeto para ler ou escrever. Ela está letrada quando além de ler e escrever, interpreta, faz uso destes conhecimentos no seu dia-a-dia.” (Zilda) **Fonte:** Dados da pesquisa, 2014.

As professoras apresentam a consciência de que o caminho deste processo de ensino e aprendizagem é uma articulação de teorias, conhecimentos e metodologias. Considerar somente um aspecto, o da alfabetização ou o do letramento, será a repetição de um sistema que já fracassou quando privilegiou apenas um destes dois lados. Soares (2004) nos autentica que:

[...] alfabetização e letramento – são, no estado atual do conhecimento sobre a aprendizagem inicial da língua escrita, indissociáveis, simultâneos e interdependentes: a criança alfabetiza-se, constrói seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita, em situações de letramento, isto é, no contexto de e por meio de interação com material escrito real, e não artificialmente construído, e de sua participação em práticas sociais de leitura e escrita; por outro lado, a criança desenvolve habilidades e comportamentos de uso competente da língua escrita nas práticas sociais que a envolvem no contexto do, por meio do e em dependência do processo de aquisição do sistema alfabético e ortográfico da escrita. (SOARES, 2004, p. 100).

Todas citam os usos sociais da escrita como uma perspectiva do letramento. A professora Adriana remete ao “uso e funções dos diferentes tipos e gêneros textuais”. A



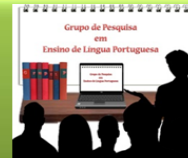
Alexandra relembra-nos que para que a prática social exista é necessário o domínio do sistema de escrita. Sirlaine pondera sobre a questão de uma pessoa poder ser letrada, porém não alfabetizada. Layla afirma a condição da continuidade do processo de letramento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões demonstram que estes professores alfabetizadores já concebem a distinção entre os dois conceitos.

Apontam para a criação de metodologias que auxiliem o aprendiz a reconstruir as propriedades das diretrizes da Secretária de Educação de Araçatuba (SEA), ao mesmo tempo em que ele vive práticas letradas que possam orientar as crianças na construção das relações fonema/grafema, na especificidade da alfabetização como um aprendizado do sistema alfabético/ortográfico e nas suas relações com o sistema fonológico, tomando como pano de fundo o letramento. Há uma carência de metodologia na alfabetização. Morais (2012) também afirma que “a indefinição sobre como ensinar e o que ensinar, isto é, a ausência de metodologias de alfabetização.” (MORAIS, 2012, p. 24)

Enfim, por um lado, a alfabetização por si só não é capaz de garantir o letramento, da mesma maneira, que o letramento não é uma condição única para a alfabetização. O desafio nas séries iniciais está nesta conciliação destes dois processos. É precípuo assegurar a apropriação do sistema de escrita alfabética e ortográfica como também o oferecimento de condições para a sua utilização nas práticas sociais do letramento.



**EL LETRAMENTO Y LA ALFABETIZACIÓN INICIAL: cómo tales conceptos
están puestos para los profesores de la enseñanza fundamental I**

RESUMEN

Este texto presenta el propósito de reflexionar cómo la concepción de letramento y alfabetización está siendo asimilada por los profesores alfabetizadores de la enseñanza fundamental I. Este trabajo es un recorte del proyecto de investigación en desarrollo en el PROFLETRAS/CPTL/UFMS, con el título “A perda da especificidade do ato de alfabetizar”. Con la grande divulgación de los postulados de los estudios sobre el letramento, los aspectos lingüísticos inherentes al proceso de alfabetización inicial fueron, en cierto modo, relegados a un segundo plano en esta etapa de la enseñanza. MORAIS (2006, 2012) llama la atención para un fenómeno que ocurre, el cual nombra “dictadura del texto”. SOARES (2003, 2004) también apunta la pérdida de la especificidad de la alfabetización como uno de los posibles factores de una actual “modalidad” del fracaso escolar. Siguiendo los presupuestos de la etnografía colaborativa crítica (MAGALHÃES, 1994; BORTONI-RICARDO, 2006), fueron aplicados cuestionarios con el objetivo de coleccionar datos iniciales de cómo tales conceptos están siendo aplicados y comprendidos por estos profesionales responsables por la inserción de los individuos en el mundo formal de la escrita. Las reflexiones demuestran que estos profesores alfabetizadores ya conciben la distinción entre los conceptos de alfabetizar y letrar. Por tanto, la distinción entre el letramento y la alfabetización ya no son conceptos desconocidos en el cotidiano pedagógico, pero el desequilibrio provocado por la preocupación excesiva con el uso social del texto ha influenciado en la pérdida sistemática sobre la reflexión de la lengua e el proceso de alfabetización inicial.

Palabras-clave: Letramento. Alfabetización. Enseñanza Fundamental.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, S. M., PEREIRA, A. D. A. Formação continuada de professores e pesquisa etnográfica colaborativa: a formação do professor pesquisador. **MOARA**, Estudos Linguísticos, Belém, n. 26, 2006.

MAGALHÃES, M. C. C. Etnografía colaborativa e desenvolvimento de professor. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, Campinas, n. 23, p. 71-78, 1994.

MORAIS, A. G. **Concepções e metodologias de alfabetização: por que é preciso ir além da discussão sobre velhos “métodos”?** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2006.

MORAIS, A. G. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012. (Coleção Como Eu Ensino).

SOARES, M. A reinvenção da alfabetização. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v.



9, n. 52, jul./ago. 2003.

SOARES, M. Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos. **Pátio - Revista Pedagógica**, Porto Alegre, n. 29, fev./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2014.

Como referenciar este artigo científico:

OLIVEIRA, Deise Rodrigues de; NINCAO, Onilda Sanches. O letramento e a alfabetização inicial: como tais conceitos estão postos para os professores do ensino fundamental I. In: DORNELES, Marcos Rogério Heck; FONSECA, Janaína Zaidan Bicalho (Coords.). SIMPÓSIO NACIONAL DE LÍNGUAS E LITERATURAS, 1., 2014, Aquidauana; ENCONTRO NACIONAL DE LITERATURA E FILOSOFIA, 1., 2014, Aquidauana. **Anais eletrônicos...** Aquidauana: MCElestiné, 2015. p. 126-135.